

# Ouro Preto - o mistério do seu casario

POR ONÉSIMO ALMEIDA

Já caíram mais de vinte anos sobre a minha descoberta atrasada do Brasil colonial mineiro que culminou em Ouro Preto.

Todavia ainda recorro como se hoje fosse.

Sáímos, a Leonor e eu, de Arraial do Cabo, para onde escapáramos do bulício do Rio de Janeiro, já que achávamos Búzios, mesmo ali nas imediações, demasiado *chic* para o nosso terra-a-terra. E acertámos.

Após uma bucólica semana aldeã, mais exatamente piscatória, lançámo-nos estrada fora (Juiz de Fora ficou quase só no mapa e na estação de abastecimento de gasolina), deliciando-nos em paragens prolongadas a fim de usufruirmos em pleno enlevo todo o percurso, sobretudo São João D'El-Rei, Tiradentes e Congonhas.

Foi, porém, em Ouro Preto que diante de nós se escancarou o deslumbramento.

Disparei fotos por tudo quanto era sítio, acumulei notas (hoje sorvidas

por um buraco negro algures) planeando descrever tão inesperada e fascinante experiência.

Apossou-se de mim uma sensação de *déjà vu*.

Década e meia antes, tinha eu chegado desprevenido, como quem salta de paraquedas, em Cartagena de Índias, na Colômbia *caribeña*, e, ao deparar com o imponente castelo da cidade, fui tomado de assalto por esse tipo de sensação.

Em Angra do Heroísmo, nos meus Açores, onde tinha vivido nove anos, existe um outro castelo com idêntico traçado, no Monte Brasil (este nome é resquício da suposição que em Quatrocentos os portugueses fizeram de ser aquela ilha, Terceira de seu nome, a ilha Brasil, durante séculos intensamente procurada, primeiro a oeste da Irlanda e depois Atlântico abaixo). Só décadas mais tarde vim a descobrir que afinal aquele Castelo de S. João Baptista sobre a baía de Angra, havia sido mandado erigir por Filipe II de Espanha (Filipe I de Portugal) – daí o seu nome inicial de Castelo de S. Filipe – e encomendado ao mesmo arquiteto que desenhou o de Cartagena.

Ao chegar a Ouro Preto, aconteceu-me algo comparável.

Mas agora era toda a cidade que se me assemelhava a Angra.

O casario em fotocópia nítida, só as colinas eram mais acidentadas – muito, muito mais, digamos que medonhamente íngremes, a ponto de numa subida de carro (não me recorde o nome, mas era supostamente um lugar ideal para uma vista do alto sobre a cidade) eu ter sido assaltado pelo receio de podermos capotar.

Foram os locais que nos desaconselharam a subida no nosso carro e nos recomendaram um táxi pois os condutores estão acostumados.

O nosso explicou ser devido a encostas daquelas que a embraiagem de um veículo ali na cidade é sol de pouca dura. E, nas mãos de um estrangeiro, ela ainda se esboroa mais célere.

Como era possível?

Eu deambulava o meu pasmo por aquelas ruas e só deparava com *déjà vus* da Rua da Sé, da Rua de Lisboa, de S. João, dos Minhas Terras, da Rua do Galo e outras mais fileiras de prédios da minha Angra do Heroísmo em peso ali transplantada com todo o seu ar de senhora medianamente aristocrata, maquilhada de cores alegres e jovens, airosa e transbordante de galhardia e *savoir faire*, ou melhor *savoir vivre*.

Nunca percebi esse mistério.

Os açorianos que rumaram em magotes para o Brasil na primeira metade do século dezoito, embora acabando espalhados por todo o país até Manaus, concentraram-se em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul (fundaram mesmo Porto Alegre).



Ouro Preto



Angra do Heroísmo

Levaram consigo os nomes Vargas, Rosa, Brasil, Dutra e Lacerda, bem como outros que, sendo de mulheres, foram apagados pelos dos maridos, como aconteceu às mães de Machado de Assis e de Cecília Meireles.

Não tenho, porém, nenhuma particular notícia de terem esses ilhéus encajado em Ouro Preto.

O barroco das igrejas e de alguns edifícios públicos são assinaturas de uma origem no Portugal nortenho.

Mas as fiadas de casas de varandas, janelas e portas pintadas de cores vivas em tons misturados, com desenhos até na própria vidraça, em puro decalque do que eu conhecia de Angra, isso para mim nunca teve explicação.

O casario angrense não tem qualquer semelhança com nenhum outro na metrópole lusitana.

A história não fala de algum regresso em massa de torna-viagens endinheirados como os que azulejaram as



Angra do Heroísmo



Ouro Preto